

O mercado da fé ou fé no mercado: a classe média brasileira a luz de Max Weber.

The faith market or faith in market: the brazilian middle class inspired by Max Weber

Paulo Rogério Rodrigues Passosⁱ

Pontificia Universidade Católica de Goiás
paulo.passos@yahoo.com.br

Recibido el 3 de enero Del 2011
Aceptado el 2 de abril Del 2011.

RESUMO

As possibilidades hoje são tão alvissareiras, quanto complexas. Essa premissa leva-nos a crer que tudo é possível, desde que nos preparemos para adentrar nessa nova realidade. Os menos favorecidos economicamente e culturalmente rogam a Deus, recorrem à magia e aos espíritos pela libertação da complexidade, do desconhecido, do incognoscível. Os mais afortunados e esclarecidos recorrem a Deus, a magia e aos espíritos pela libertação do medo, pela autoafirmação, empreendedorismo e empoderamento. Ou seja, os meios são os mesmos, a complexidade atinge a ambos, o que difere são as perspectivas das demandas.

Palavras chave: classe média, religião, pós-modernidade.

ABSTRACT

The possibilities nowadays are so auspicious, as complex. This assumption leads us to believe that everything is possible as long as we prepare ourselves to enter in this new reality. The economically and culturally disadvantaged people pray to God, appeal to magic and call the spirits for release of the complexity, of the unknown, and of the unknowable. The more fortunate and enlightened people turn to God, magic and the spirits for deliverance from fear, for self-assertion, entrepreneurship and empowerment. That is, the means are the same, the complexity achieves both, what makes them different are the prospects of their demands.

Key words: middle class, religion, pos-modernity.

[Ver dicionário detalhado](#)

• [盆栽](#)

- [Bild.de](#)
- [Gotujmy.pl](#)
- [Arte Tereo](#)
- [Onet.pl](#)
- [Xinhua Net](#)
- [Zamalek Fans](#)
- [Telegraph.co.uk](#)
- [Focus Online](#)
- [The White House](#)
- [Guardian.co.uk](#)
- [USA Today](#)

Na concepção de Max Weber a religião não é algo alheio ou distante da realidade dos indivíduos sociais. Sua importância está diretamente relacionada com sua funcionalidade prática, que seria exatamente oferecer ao indivíduo o atendimento das demandas e carências.

A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para este mundo. As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas “para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da terra”. (Weber, 1991: 279.)

Para o autor as relações religiosas invariavelmente estão vinculadas a uma finalidade, um meio pelo qual o indivíduo recorre para orientar as suas aspirações cotidianas. Sendo assim, as ações religiosas nesse aspecto, seriam, portanto de natureza econômica, uma relação racional de barganha, troca, negociação ou acordo com as entidades sagradas. As várias formas como são construídas ou estabelecidas essas relações com a religião e seu “panteão mágico” ou “supra-sensível”, depende significativamente das motivações dos indivíduos e suas perspectivas na sociedade.

A reflexão em questão tem por objetivo compreender o panorama da classe médiaⁱⁱ brasileira, suas perspectivas, aspirações e barreiras no horizonte social. O extrato social classificado como classe média sempre manteve alguns privilégios socioeconômicos, contudo, nos últimos anos um crescimento vertiginoso na mobilidade social brasileira inflacionou essa camada social. A nova classe média brasileira, hoje denominada de “classe c” no Brasil, compreende um contingente expressivo de pessoas que saíram da linha de pobreza, passando a ter algum poder de consumo no mercado brasileiro. Não obstante, esse extrato social ainda não consegue ocupar espaços de poder, nem tampouco, colocar as suas demandas na pauta dos interesses nacionais. Classificar esse novo extrato social como classe média, atendeu mais aos interesses políticos do governo do que aos interesses fáticos dessa clientela.

Esses novos “batalhadoresⁱⁱⁱ” sociais agora alçados a uma condição “privilegiada”, não possuem as mesmas virtudes da classe média tradicional. Invariavelmente esse contingente

continua exercendo as mesmas atividades que sempre ocuparam (empregadas domésticas, pedreiros, vendedores, balconistas, etc.). A grande virtude da classe média tradicional é sua consciência de classe, forjada com acesso a educação, saúde, boa alimentação, moradia e tempo livre. No caso da classe “c” um epíteto carregado de estigma e pejorativo não conseguiu isonomia de condição, no máximo uma carga de trabalho maior com uma pequena elevação de bens de consumo. Em síntese, poderíamos inferir que esse fenômeno social não é homogêneo, nem tampouco, evidencia como propalado pelo governo, melhorias substanciais na qualidade de vida da população brasileira. No máximo podemos crer que, enquanto a classe “c” luta desesperadamente para fugir da indigência social, a classe média tradicional lança mãos dos mesmos esforços para não cair na hierarquia social.

Vejamos as considerações de Hasenbalg & Silva a este respeito.

Uma dimensão da sociedade brasileira que certamente se tornou mais complexa como resultado dos notáveis fluxos populacionais durante esse período de tempo é a própria estrutura de classes. Há indicações quanto à emergência de uma nova classe média possivelmente fruto da combinação de dois processos: de um lado, teria havido um fluxo de indivíduos com mobilidade ascendente para o âmbito de profissões assalariadas; de outro, teria ocorrido uma tendência a que segmentos da velha classe média urbana experimentassem um movimento descendente. De fato, tal como demonstrado em recente análise de dados do censo de 1980, existiria um número de traços indicando essa e outras novas configurações na estrutura de classes urbana (Hasenbalg & Silva, 1984).

Nesse panorama de incertezas, o mercado religioso brasileiro vem sofisticando seus serviços para uma clientela mais exigente, mais esclarecida e imediatista. O mercado religioso brasileiro está bastante inflacionado. A cada dia uma legião de novos empreendimentos religiosos são lançados nesse mercado. Esse acirramento concorrencial tem levado essas instituições a um processo exacerbado de simplificação teológica de seus arcabouços doutrinários. Nesse sentido, as instituições que conseguem oferecer um serviço mais adaptado às novas demandas modernas, com baixo custo sacrificial e menor teor de culpa, estão despontando na liderança desse mercado.

A religião possibilitava ao homem evocar os deuses ou entidades sagradas no sentido de ordenar a realidade, seu espaço e interesses. Por meio de pessoas dotadas de um dom característico (carisma) e, orientados por preceitos específicos (magia), havia uma manipulação do sagrado em razão dos objetivos humanos, ou seja, o sagrado não prescrevia ou determinava as ações dos homens, existia para atendê-las. Gradativamente, na medida em que o processo adquire uma maior racionalidade, os deuses deixam de ser coagidos ou manipulados para atuarem em benefícios dos homens, para zelar pelos seus princípios, normas e valores. Nesse estágio, os atores mediadores com o sagrado (magos, profetas e sacerdotes), são enfraquecidos, os códigos já foram ritualizados, fazem parte da rotina e do cotidiano comum.

Mas mesmo onde a ordem da natureza e das relações sociais geralmente equiparadas a esta, como ocorre sobretudo com o direito, tem vigência não como uma instância superior aos deuses mas como uma criação deles (...) pressupõe-se como evidente que o deus protegerá essas ordens por ele criadas contra infrações. A realização intelectual desse postulado tem conseqüências de grande alcance para a ação religiosa e a atitude geral do homem em relação ao deus. (...) Ao lado das duas maneiras primitivas de influenciar poderes supra-sensíveis, submetê-los magicamente a fins humanos ou ganhá-los por um comportamento agradável, mas não pela prática de virtudes éticas senão pela satisfação de seus desejos egoístas, aparece agora a observância da lei religiosa como meio específico de conquistar a benevolência do deus. (Weber, 2004: 298).

Para Max Weber as várias dimensões da religião em toda a sua amplitude e manifestações, visam a atender as motivações dos indivíduos. Seja na busca do sentido existencial, no afugentamento do medo, do provedor ou protetor, o fato é que a religião serve aos interesses e necessidades individuais. Quanto mais racionalizada e desencantada, mais pragmática e funcional ela se torna, pois se ajusta mais aos instrumentos e meios de organização prática da vida, do que instância de acesso ao plano espiritual.

Os conceitos de teodicéia e salvação compreendem chaves importantes na compreensão da sociologia weberiana. Para Weber esses conceitos são necessários como instrumentos de legitimação da ordem social. A dualidade entre o bem e o mal representado nas várias teodicéias religiosas, sempre estão associadas ao escopo dos interesses individuais e objetivos de cada ordenamento social. Toda essa engrenagem simbólica da teodicéia visa estabelecer possibilidades de salvação a humanidade. Nessa linha argumentativa o autor apresenta a construção das teodicéias em varias religiões e seus desdobramentos nos interesses materiais e políticos no plano fático dessas culturas.

Os diferentes matizes da concepção de Deus e do pecado encontram-se numa conexão muito íntima com a busca de “salvação”, cuja substância pode mostrar tendências muito diversas, dependendo da circunstancia “de que” e “para que” se deseja ser salvo. (Weber, 1991: 356).

A idéia de salvação incide diretamente na conformação da vida do indivíduo em sociedade. Numa lógica centrada num mecanismo de retribuição, na qual de acordo com as condutas e ações dos indivíduos, serão recompensados ou condenados, esse prisma baliza o ordenamento social. Considerando as idiossincrasias de cada cultura e suas teodicéias, podemos compreender o perfil social de seus elementos. Como instrumento de justificação ou resignação, em ambos os casos os conceitos de teodicéia e salvação agem como elementos justificadores e ordenadores das relações sociais e suas incongruências.

Quanto mais sistemática e interiorizada a religiosidade de salvação no sentido de uma “ética de convicção”, tanto mais profunda a tensão entre ela e as realidades do mundo. Enquanto se trata de religiosidade simplesmente ritual ou vinculada a “lei”, essa tensão manifesta-se de um modo que pouco atinge os princípios. Essa forma de religiosidade atua essencialmente da mesma maneira que a ética mágica. Em termos gerais isto significa que ela proporciona às convenções que adota o caráter sagrado inviolável, porque também nela a totalidade dos adeptos do deus está interessada em evitar a ira divina e, portanto, no castigo pela transgressão das normas. (Weber, 1991: 385).

Nesse sentido o conceito de salvação ajusta-se perfeitamente aos mecanismos de controle social. Se para alcançar a misericórdia divina se faz necessário cumprir com os desígnios de Deus, desígnios esses que invariavelmente representam o teor valorativo e normativo da vida associativa, na media em que o homem busca sua salvação, organiza o seu espaço social. Contudo, para que haja logicidade nessa construção simbólica, as teodicéias apresentam os deuses em sua magnitude e bondade suprema, mas também a presença do mal, sempre a espreita e atento as fragilidades humanas.

Seguindo o pressuposto weberiano de que a religião existe para oferecer ao homem uma vida longa e plena, o conceito de teodicéia e salvação não fogem a regra. Se tudo vai bem, seguramente vai com a graça de Deus, caso os infortúnios apareçam, se faz necessário para um porvir de júbilo e satisfação. Ou seja, o Deus bondoso agracia tanto os abastados quanto aos desvalidos, no final das contas todos se salvam em suas teodicéias religiosas.

No sentido de dirimir possíveis indagações a respeito da abordagem dessa reflexão, faz-se necessário pontuar os limites argumentativos desse trabalho. Os principais arautos do pensamento

sociológico apresentam duas vertentes analíticas de classe social. Apesar de representarem percepções totalmente antagônicas, seus pressupostos norteiam a reflexão teórica sobre a questão. Numa das extremidades encontramos os defensores do viés marxista, os quais compreendem a sociedade a partir da divisão de classes. Isso significa uma estratificação da sociedade, ou seja, grupos estruturalmente organizados e conscientes de sua condição sócio-histórica. Nesse caso, aquelas classes mais esclarecidas, conseguem ocupar os espaços de poder dispostos na sociedade. Esse processo gera um embate permanente entre as classes “luta de classes”, o que invariavelmente produz uma realidade desigual e injusta.

Sem atribuir-lhe o rigor da idéia de “consciência de classe”, podemos também considerar que o conceito de classe envolve uma idéia de valores, atitudes, crenças e estilos de vida. Sempre frisando que os conteúdos de tais valores ou crenças devem ser pesquisados empiricamente, pode-se argumentar que a definição econômica de classe média muda ao longo do tempo. O que tende a ser estável são os significados morais e culturais da vida de classe média. Nas democracias contemporâneas, ser de classe média significa valorizar a competição e o mérito, o respeito à liberdade individual e a igualdade perante a lei. Mais democrática e aberta a processos graduais de mudança, a classe média também tende a ser mais avessa a riscos e a reagir conservadoramente sempre que sente ameaçada. (Souza e Lamounier, 2010: 16,17).

A classe média tradicional brasileira nunca esteve numa evidencia negativa tão intensa quanto nos últimos anos. Seus privilégios foram gradativamente sendo dilapidados pelos interesses de justificação e permanência no poder dos governos populistas. A classe média é considerada uma barreira de contenção, um filtro de controle entre a base e o cume da pirâmide social. Não existe política sem uma causa, não existe uma causa sem um problema, não existe um problema sem um responsável. Esta é uma equação perfeita para imputar a classe média o caráter expiatório por boa parte das mazelas sociais que afligem a população brasileira.

Analisando esta questão com mais parcimônia verificamos o óbvio, ou seja, o poder não subsiste sem o suporte dos mais ricos, nem tampouco, da gratidão dos mais numerosos. Assim, a classe média padece de uma tensão extremamente contundente. Enquanto os mais pobres estão nas pautas assistenciais dos governos, bem como, no alvo das respostas mirabolantes das igrejas da prosperidade. A classe média tradicional vive um processo exacerbado de anomia social. Por razões estruturais as suas possibilidades de ascensão estão cada vez mais reduzidas, enquanto, suas condições de permanência onde se encontram estão cada vez mais inacessíveis. Resumindo, poderíamos dizer que, enquanto os mais pobres lutam para subir, a classe média lança mão de todos os recursos possíveis para não descer.

Serviços religiosos racionalizantes atendem na justa medida os anseios e buscas da classe média brasileira. Tais igrejas inserem os indivíduos num processo de compreensão da realidade. Os filhos da classe média tradicional foram e continuam sendo educados para ocuparem determinados espaços privilegiados da sociedade em razão da sua formação acadêmica, técnica e cultural. Na medida em que depositaram as suas convicções nesse modelo social e não alcançaram os resultados prometidos, aquela certeza “ontológica” que não somente balizava os seus horizontes sociais, mas significava determinada percepção de mundo, esvazia-se ante a inexorável realidade.

Tradicionalmente, no Brasil, a educação tem sido chave na criação de chances de acesso à classe média. Até as primeiras décadas do século XX, o ensino de segundo grau já era suficiente para engendrar tais oportunidades. Mas a educação vem sendo erodida como marca de classe. A vantagem relativa de que gozava a classe média alta vem perdendo espaço em virtude da crescente demanda por educação, estimulada por retornos mais altos de renda. Se, no passado, um diploma de nível médio era

garantia de um bom emprego, hoje exige-se o curso superior. Com efeito, a ascensão da nova classe média está associada à queda da disparidade educacional e de renda, o que, paradoxalmente, tornou a educação um indicador menos preciso de posição social. (Souza e Lamounier, 2010: 14).

Vivemos um momento *sui generis* da cultura ocidental, enquanto todas as perspectivas sociológicas aventavam categoricamente um processo inexorável de racionalização, presenciamos uma “avalanche” de novos nichos religiosos, místicos, exotéricos, etc. A luz da sociologia weberiana esse processo não significa ausência de racionalidade. Pois o que importa não são seus ritos, comportamentos ou expedientes adotados, mas sim suas motivações. O alvo das demandas religiosas na pós-modernidade é de ordem material, física e afetiva. Esse “triângulo” dos anseios humanos não visa à transcendência, o cuidado com o fim último da vida, com a redenção dos pecados, nem tampouco, com nenhuma religião de ordem metafísica. Contudo, caso nenhuma dessas possibilidades consiga produzir algum êxito, o mercado religioso encontrará meios de suprir tais necessidades.

As estratégias de cooptação e fidelização de novos fiéis de algumas denominações religiosas contemporâneas convergem sistematicamente numa linha mercadológica. Essa característica possibilita aos arautos da igreja uma pregação religiosa pragmática e funcional. Com princípios doutrinários fundamentados na excelência, dedicação, aprimoramento e disciplina, a igreja não somente prepara o espírito do fiel para vida religiosa, como também, o qualifica moralmente para os desígnios do mercado. Ao contrário do discurso recorrente das igrejas neopentecostais, em que Deus é apresentado como provedor das demandas humanas, o qual bastaria ser desafiado a cumprir suas promessas a partir da contrapartida do fiel, nessas denominações o fiel é preparado para o serviço.

Envolto numa mística sagrada o ato de servir se ajusta perfeitamente aos valores do mercado. Na concepção apregoada aos fiéis na Igreja, sobretudo aos jovens, não é qualquer pessoa que esteja apta a servir, não sem antes passar por um processo de qualificação. Ou seja, não é possível servir a Deus sem servir ao próximo, e não é permitido servir ao próximo de forma irresponsável ou desqualificada. Nesse processo de doutrinação religiosa ocorre uma retroalimentação dos preceitos sagrados com as premissas do mercado. Quanto mais apto, dedicado e obediente for um fiel ou um trabalhador, maiores serão as chances de empregabilidade, remuneração e ascensão social do indivíduo. Um investimento rápido, de custo mínimo, e com retorno garantido.

O processo de subalternidade não aniquila somente a personalidade social do indivíduo, sobretudo o condiciona a uma negação de si mesmo, pois toda consideração pessoal está diretamente relacionada a uma condição de assujeitamento e fracasso. Assim, converter-se a uma doutrina que o torna inimputável da responsabilidade do direcionamento e das escolhas individuais representa instantaneamente o renascimento de novo sujeito social. No cardápio das ofertas religiosas no Brasil temos assistido duas logísticas religiosas distintas. Independentemente do segmento denominacional os serviços religiosos oscilam entre os mais racionalizados e individualizados, destinados a classe média tradicional e os serviços de uso intenso da magia nos seus ritos, destinados à classe média “c” e outros extratos sociais menos esclarecidos. Assim, independente da clientela ou das estratégias de conversão adotado pelas igrejas evangélicas no Brasil, o mote é sempre o mesmo: o mercado. Converter-se a uma religião evangélica atualmente no Brasil, ao contrário de outrora, representa simbolicamente um passo importante na vida prática individual.

Segundo Bonfatti,

Anos atrás, revelar-se evangélico era expor-se a ser visto como alguém bizarro, estranho, marginal, distante da sociedade, enfim, algo bastante pejorativo. Os crentes, como eram todos confundidos e chamados, estavam quase sempre sendo associados aos estereótipos de homens vestidos de terno, com uma bíblia debaixo do braço e de mulheres com saias abaixo dos joelhos e cabelos compridos. Eram vistos sempre distantes e arredios ao mundo e às outras pessoas de fora dos guetos de suas igrejas. Passado o tempo, e com ele muitas mudanças no panorama religioso brasileiro, esse quadro vem se transformando, pois ser evangélico, hoje, tem uma conotação bem diferente. Atualmente, não há mais a discrição ou timidez de revelar-se evangélico; ao contrário, eles não se têm apresentado nada discretos ou tímidos e vêm crescendo e assumindo-se a cada dia e cada vez mais. (Bonfatti, 2000, p. 96).

Em sociedades complexas como a nossa, na qual o conceito de certo e errado depende da chancela da ciência, da razão, dos especialistas, etc. Tantas outras percepções da realidade que alimentavam de sentido a existência humana se esvanecem a passos largos por falta de legitimação. A ciência alimenta a razão e esta pavimenta o caminho na pós-modernidade. Nesse cenário conflituoso entre razão e religião, em que ambos se propõem a explicar a realidade à luz dos seus pressupostos, a religião se mostra frágil e desacreditada. Contudo, como a lógica do mercado não exclui a religião, o discurso, a estética, o marketing, e sobretudo, as ofertas religiosas atacam as aspirações subjetivas dos indivíduos, que são essencialmente racionais.

Para Max Weber a racionalização e a ciência são características essenciais de um mundo desencantado. Na medida em que a compreensão da vida deixa de ser mediada pelos intervenientes religiosos, a ciência passa a ocupar-se dessa função. Contudo, a busca de sentido num mundo desencantado é uma tarefa infrutífera, pois todo sentido emana do próprio mundo encantado. Assim, o que se poderia esperar da ciência são formas de organizar a vida, facilidades instrumentais, previsibilidade, mas jamais sentido existencial e ontológico.

O destino de nossos tempos é caracterizado pela racionalização e intelectualização e, acima de tudo, pelo “desencantamento do mundo”. Precisamente os valores últimos e mais sublimes retiraram-se da vida pública, seja para o reino transcendental da vida mística, seja para a fraternidade das relações humanas diretas e pessoais. Não é por acaso que nossa maior arte é íntima, e não monumental, não é por acaso que hoje somente nos círculos menores e mais íntimos, em situações humanas pessoais, em *pianíssimo*, é que pulsa alguma coisa que corresponde ao *pneuma* profético, que nos tempos antigos varria as grandes comunidades como um incêndio, fundindo-as numa só unidade. (Weber, 1982: 182).

Quanto mais avançamos na modernidade, mais conceitual e intelectualizada se torna nossa realidade. Não obstante, o alcance dessa racionalização não responde a muitas das angústias e incertezas humanas. Enquanto a religião orienta o caminho e como caminhar, a ciência especula, nunca categórica em seus pressupostos, em constante reformulação de suas crenças e doutrinas, em permanente tensão com a realidade.

Que homem se atribuirá a tentativa de “refutar cientificamente” a ética do sermão da montanha? Por exemplo, a frase “não resistir ao mal”, ou a imagem de voltar a outra face? Não obstante, é claro, sob a perspectiva mundana, que se trata de uma ética de conduta indigna; teremos de escolher entre a dignidade religiosa que ela confere e a dignidade da conduta viril que prega algo totalmente diferente; “resistir ao mal- para não sermos co-responsáveis pela sua vitória”. Segundo nosso ponto de vista último, um é o demônio e o outro é Deus, e o indivíduo tem de decidir qual é para ele o Deus e qual o demônio. E o mesmo acontece em todas as ordens da vida. (Weber, 1982:175).

Em relação à escala de poder disposta no plano social, a religião atua sistematicamente como força de manutenção. Sua capacidade de naturalizar a conformação das hierarquias prescinde do arbítrio humano. Seu legado e poder transcendem toda e qualquer fórmula racionalizante. Suas intervenções são de ordem cósmica, despojada de outro interesse que não estritamente a vontade de Deus. A partir desses valores interiorizados, não se percebe nenhuma anomalia social ou política relacionada ao plano fático. Tudo se encontra exatamente dentro de uma ordem natural e legítima. A realidade passa a ser a consequência de uma tradição mítica, na qual, tudo ocupa o seu devido lugar no espaço social como um desígnio de Deus. Qualquer tentativa de desajuste desse ordenamento entraria no plano do sacrilégio, da contrariedade às leis divinas, do pecado.

A proposição que apresento aqui parte sempre do fato fundamental de que, enquanto a vida continuar imanente e for interpretada em seus próprios termos, conhecerá apenas a luta incessante desses deuses entre si. Ou, falando diretamente, as atitudes últimas possíveis para com a vida são inconciliáveis, daí sua luta jamais chegar a uma conclusão final. (Weber, 1982: 179).

Dessa forma, na trajetória processual da história tanto a religião quanto a ciência, ofereceram aos homens possibilidades aos seus anseios. Todavia, num mundo desencantado, no qual se explica tudo, mas o vazio continua, vive-se uma esquizofrenia no plano fático e simbólico.

Da mesma forma que se estabelece uma relação indissociável entre ciência e religião, também ocorre o que Derrida define como auto-imunidade, ou seja, quando a chancela da religião e da ciência não é suficiente para alimentar simbolicamente os homens. O autor classifica esse fenômeno como algo extremamente nefasto, agressivo e violento. Por conseguinte, outras fontes valorativas aparecem como respostas: identidade étnica, nacionalidade, vínculos familiares, territoriais, etc. Também como uma forma de reação a teletecnociência, com sua complexidade mecânica, que faz funcionar e mover as engrenagens da vida moderna sem tampouco dizer como, fazendo surgir no ser humano um sentimento de submissão, alheamento, empurra os indivíduos para as explicações mágicas, místicas e ascéticas.

Na construção da teoria dos sistemas de Luhmann:1993, a sociedade é dividida em um sistema amplo que engloba todo o conjunto social e vários subsistemas relacionados a ele. Seguindo essa premissa teórica, o autor apregoa que os subsistemas são que permitem a compreensão do universo macro. Segundo essa baliza reflexiva, a complexidade reside nos subsistemas, fatos esse que instrui o indivíduo a processar a decodificação do núcleo, bem como, de estabelecer a comunicação, trânsito e discernimento com outros subsistemas. Vivemos atualmente um deslocamento tão exacerbado do campo religioso, que várias outras esferas sociais estão imbricadas de simbologia religiosa. Nesse sentido a televisão, a internet, etc., acabam por catequizar os religiosos pós-modernos, ou seja, muitos conhecem a vida de Jesus Cristo pelos filmes de Hollywood, do que pelos ensinamentos de suas denominações.

Por fim, aquilo que é sobejamente invocado como um retorno ao religioso seria na compreensão do autor não mais do que um processo de resistência a teletecnociência. Nesse caso, a religião na sua forma ontológica representaria um antídoto contra a ausência de sentido da vida. Uma forma de restabelecer a identidade social, uma arma simbólica contra a anomia, contra o desconhecimento da realidade que se tornou tão complexa e ampla que invisibilizou os indivíduos, colocando-os a mercê das contingências existenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num contexto ausente de referências seguras, linguagens convincentes ou certezas dogmáticas, o mercado religioso ajusta-se a passos largos as demandas secularizantes da realidade contemporânea. Nesse sentido, as tradições se esgarçam, as instituições religiosas perdem legitimidade e a clientela orientada por suas conveniências criam seus próprios cardápios religiosos.

A transcendência espiritual ou mediação do plano sensível com o plano metafísico, gradativamente vai perdendo espaço e importância na construção simbólica de um rito religioso. Todavia, na mesma velocidade com que as igrejas se desvencilham de seus alicerces teológicos, o mercado os incorpora de bom grado. Essas transposições das linguagens religiosas para o campo secular personificam coisas, espiritualizam objetos, marcas e produtos ao passo que ressignificam o caráter ontológico das religiões na produção de sentido existencial.

Esse processo não é homogêneo, a base da religiosidade brasileira é popular, sincrética e mestiça. O próprio catolicismo brasileiro é resultante de um amalgama cultural bastante diversificado. Condição esta que de certa forma favorece a desfiliação denominacional católica, pois o processo é tão sincrético que a desvinculação é apenas institucional, continuando inalterada a base simbólica. Com uma franca deslegitimação das instituições religiosas tradicionais em administrar o patrimônio simbólico da religiosidade brasileira, existem ofertas para todas as demandas. Nesse panorama de incertezas a validação das ofertas religiosas está diretamente condicionada aos interesses dos fieis. Dessa forma, a classe média brasileira busca nas profecias racionalizantes de alguns segmentos neopentecostais, proteção, força e encorajamento para suas vidas e empreendimentos.

Enquanto o cerne das necessidades humanas pautava-se numa relação de proximidade com o campo metafísico, as instituições religiosas robusteciam as suas liturgias com uma densa camada simbólica de distanciamento com a realidade. A bem-aventurança nesse contexto somente é exequível por meio da elevação espiritual. Riqueza e pobreza eram percepções tão dicotômicas e relativas quanto valor interdependente entre si. Esse substrato cognitivo em relação ao sagrado, que permeou por séculos o imaginário religioso do homem ocidental, definiu com a mesma intensidade em que as economias de mercado se fortaleceram. A sacralização dos gemidos dos pobres é desvelada da sua potencialidade espiritual, restando apenas à nostalgia de uma realidade interior, suplantada pela factibilidade da urgência material.

O triunfo do senso humano a partir da logicidade do pensamento racional, imaginava os filósofos iluministas suplantaria por definitivo o ascetismo e a superstição. Todavia, os significados produzidos pela modernidade por mais indefectíveis que supunham, não foram suficientemente aptos para preencherem as lacunas de subjetividade demandadas pelo homem. A supremacia da razão sobre a revelação, mote este apregoado irrefutavelmente pelos dogmas da modernidade, aprisionaram o homem na história, relegando-o a pautar seu destino a partir de uma perspectiva meramente existencial.

Com o advento da modernidade, esta trouxe de arrasto conseqüências que desarraigaram sentidos indispensáveis da vida associativa. Talvez a última instância desse processo esquizofrênico de modernidade foi à construção do indivíduo. Paradoxalmente ao conceito de

indivíduo, é que o ser humano não subsiste fora do meio social, ou seja, o ser humano é um ser social. Contudo, o indivíduo se projeta na sociedade não para o fortalecimento dela como coletividade, mas sim, como aporte de fortalecimento do seu *status* individual. Assim na medida em que a modernidade avança, o ser humano se esvazia de suas tradições e memórias.

Por séculos, a percepção do acúmulo bem como do usufruto material esteve condicionada a uma orientação pecaminosa da igreja. As bênçãos eram destinadas àqueles que barganhavam os seus martírios e privações físicas e materiais de Deus. A felicidade era caracterizada como um estado de entronização espiritual, um processo no qual quanto mais o despojamento maior a acessibilidade ao sagrado. Todavia, essa premissa é decorrente de uma realidade à mercê da escassez. Obviamente, os preceitos religiosos sempre balizaram as suas estruturas dogmáticas em consonância com a realidade. Numa realidade cuja normalidade pauta-se na impossibilidade do consumo, acumulação e projeção econômica, glorificar-se pela abstinência material compreende uma metodologia persuasiva e eficaz.

No entanto, com o advento da industrialização, caudalosa cadeia produtiva semeou no terreno da escassez a semente de novas possibilidades e demandas. Numa equação que envolve trabalho, capital e mercadorias, os anseios humanos adscritos ao plano espiritual adquirem nova simbologia. As relações de trabalho, cada vez mais intensas e desgastantes, norteiam o ser humano para uma perspectiva de compensação das energias investidas. Nesse aspecto, a espiritualidade não dispõe de opção revitalizante, pois o padecimento do corpo implica a degradação da morada de Deus. Assim, o acesso ao consumo possibilitou ao homem não apenas o reabastecimento do combustível produtivo, mas, sobretudo, a aquiescência do sagrado para desfrutar dos benefícios e excedentes do seu trabalho.

BIBLIOGRAFIA

Bauman, Zigmunt. 1998. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Editora Zahar. Rio de Janeiro.

_____. 1997. *Ética pós-moderna*. Trad. João Rezende Costa. Editora Paulus. São Paulo.

Berger, Peter. 1985. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. Editora Paulinas. São Paulo.

Bonfatti, Paulo. 2000. *A expressão popular do sagrado: uma psico-antropologia da Igreja Universal do reino de Deus*. Editora Paulinas. São Paulo.

Bourdieu, Pierre. 1998. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª edição. Editora Perspectiva. São Paulo.

Durkheim, Émile. 1989. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad. Joaquim Pereira Neto. Editora Paulinas. São Paulo.

Ehrenreich, Bárbara. 1994. *O Medo da Queda: ascensão e crise da classe média*. Editora Scritta. São Paulo.

Guerra, Alexandre et al. (orgs.). 2006. *Atlas da nova estratificação social no Brasil: classe média desenvolvimento e crise*. Editora Cortez. São Paulo.

HASENBALG, C.A., VALE SILVA, N. 1994. *Estrutura social, mobilidade e raça*. Editora Vértice. Rio de Janeiro.

Hervieu-Léger, Danièle. 2008. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Editora Vozes. Petrópolis.

Libanio, J.B. 2009. *Caminhos de existência*. Editora Paulus. São Paulo.

LUHMANN, Niklas & DE GEORGI, Raffaele. 1993. *Teoría de la sociedad*. Universidad de Guadalajara. Guadalajara.

Ortiz, Renato. 1994. *Mundialização e cultura*. 2ª. Ed. Editora Brasiliense. São Paulo.

Oro, Ari Pedro. e Steil Carlos Alberto. (orgs.). 1997. *Globalização e religião*. 2ª. Ed. Editora Vozes. Petrópolis.

Pierucci, Antônio Flávio. 2003. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. Editora 34. São Paulo.

Sousa, Amaury de e Lamounier, Bolívar. 2010. *A Classe Média Brasileira*. Elsevier Editora. Rio de Janeiro.

Vattimo, Gianni & Derrida, Jacques (Orgs.). 2000. *A religião: o seminário de Capri*. Editora Estação da Liberdade. São Paulo

Weber, Max. 1991. *Economia e sociedade*: Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Editora UNB. Brasília.

_____. 1982. *Ensaio de sociologia*. LTC Editora. Rio de Janeiro.

Notas

ⁱ Professor de História. Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Brasil). Mestre em Ciência Política pela Universidade Euro Americana. Pós graduado em História do Brasil pela União Pioneira de Integração Social.

ⁱⁱ Os órgãos oficiais, como o IBGE, consideram a classe C, cujo perfil de renda familiar mensal varia de R\$ 1.064 a R\$ 4.591,00 como a classe média brasileira. Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, essa faixa de renda teria crescido no Brasil nos últimos anos, passando de 42,49% da população brasileira em abril de 2003 para 51,89% em abril de 2008. No entanto, tanto depoimentos de famílias nesta faixa que se consideram de fato pobres, como a comparação com a imensa disparidade em relação ao padrão de vida das faixas de renda logo acima aconselham maior cautela na hora de realizar o “fatiamento” das camadas sociais. Uma família de cinco ou seis pessoas com renda mensal de R\$ 1.500,00 não pode – nessa linha de raciocínio –, ser considerada de fato como “classe média”. Assim, para os fins deste artigo, estamos considerando como “classe média brasileira” a “classe média tradicional”, aquela faixa da população que dispõe de casa própria (mesmo financiada), pode pagar educação em escola privada, tem em casa a grande maioria dos eletrodomésticos, computador e internet, possui carro de ano recente, consegue frequentar clubes ou lazer de fim de semana e realizar férias familiares. Nesse sentido, sem insistir numa grande precisão quanto ao nível de renda – que no caso específico dessas famílias está sujeito a oscilações imprevistas e bruscas –, estamos considerando aqui um perfil que começa com R\$ 4.000,00 e vai até os R\$ 12.000,00 de renda familiar mensal. Importante é perceber que seja ganhando um pouco mais ou um pouco menos, essa faixa da população está especialmente sujeita, por restrições estruturais do mercado, a oscilações que podem ser significativas e às vezes irreparáveis, como o dono de um pequeno supermercado que tem seu prédio incendiado, o microempresário ou trabalhador especializado que perderam suas fontes de renda e não conseguem voltar ao mesmo nível de consumo. Muitos que acabaram de ascender socialmente estão ameaçados de voltar para a pobreza. Parece-nos que justamente essa incerteza e precário equilíbrio geram, por isso mesmo, estado de apreensão e de envolvimento emocional contínuo e intenso. Cf. “Classe média já é mais da metade da população brasileira”, em <http://www.fgv.br/fgvportal/principal/idx_materia.asp?strchave=12101&sessao=2>. Acesso em: 13 mar. 2010. Uma visão mais detalhada – e otimista do ponto de vista sistêmico – pode ser encontrada numa extensa pesquisa, financiada pela Confederação Nacional das Indústrias, de LAMONIER, Bolívar e SOUZA, Amaury de. **A Classe Média Brasileira** – ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2009.

ⁱⁱⁱ A classe média é uma das classes dominantes em sociedades modernas como a brasileira porque é constituída pelo acesso privilegiado a um recurso escasso de extrema importância: o capital cultural nas suas mais diversas formas. Seja sob a forma de capital cultural técnico, como na "tropa de choque" do capital (advogados, engenheiros, administradores, economistas etc.), sejam pelo capital cultural literário dos professores, jornalistas, publicitários etc., esse tipo de conhecimento é fundamental para a reprodução e legitimação tanto do mercado quanto do Estado. Conseqüentemente, tanto a remuneração quanto o prestígio social atrelados a esse tipo de trabalho - e da condução de vida que ele proporciona - são consideráveis. A vida dos "batalhadores" é completamente outra. Ela é marcada pela ausência dos privilégios de nascimento que caracterizam as classes médias e altas. E, quando se fala de "privilégios de nascimento", não se está falando apenas do dinheiro transmitido por herança de sangue nas classes altas. Esses privilégios envolvem também o recurso mais valioso das classes médias, que é o tempo. Afinal, é necessário muito tempo livre para incorporar qualquer forma de conhecimento técnico, científico ou filosófico-literário valioso. Os batalhadores, em sua esmagadora maioria, precisam começar a trabalhar cedo e estudam em escolas públicas muitas vezes de baixa qualidade. Como lhes faltam tanto o capital cultural altamente valorizado das classes médias quanto o capital econômico das classes altas, eles compensam essa falta com extraordinário esforço pessoal, dupla jornada de trabalho e aceitação de todo tipo de superexploração da mão de obra. Reflexão extraída do livro “Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Editado pela Universidade Federal de Minas Gerais, do sociólogo Jesse de Souza.